

FMS	CPM	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal		
Correio da Bahia		
Data		
04-05-93		
Caderno	Página	
10	10	
Seção		
Assunto		
Centro Histórico		
Restauração		
Restauração		

Centro Histórico dá novas perspectivas para restauradores



Programa de recuperação ajuda a revitalizar uma profissão quase esquecida

Maurício Sotto Maior

A primeira etapa do programa de restauração do Centro Histórico, promovida pelo governo estadual, revitalizou muito mais do que as 100 edificações localizadas na área do Pelourinho/Maciê. Para os técnicos em restauração do Ipac, os canteiros de obras que estão reconstruindo o mais importante conjunto arquitetônico e histórico da América Latina também são responsáveis pelas novas perspectivas profissionais da categoria. Categoria até então estigmatizada pela pecha do funcionalismo público e que tenta sobreviver em meio à crise que atingiu, principalmente, o patrimônio artístico e cultural de onde retira seu sustento.

Para Adriana Couto, há 20 anos como restauradora, a comparação entre o Centro Histórico e a situação da categoria é mais próxima do que se possa imaginar. Ela é gerente de Restauração do Ipac, e uma das idealizadoras do projeto de recuperação iniciado pelo governo estadual, tendo vivenciado todo o processo de revitalização do Centro Histórico e da profissão. "O que mudou, fundamentalmente, é que os restauradores de bens imóveis (edificações) e de bens móveis (peças ou ornamentos) passaram a trabalhar conjuntamente, ampliando o campo de atuação. Este é o novo passo, inédito no Brasil", explica. Para ela, o Centro Histórico se transformou em um imenso laboratório, abrindo um leque de opções para o restaurador através do estímulo à iniciativa privada.

Esperanças — Para Túlio Vasconcelos, restaurador que chefiava a fiscalização dos elementos artísticos de fachada do programa de revitalização do Centro Histórico, finalmente o restaurador de bens móveis sai dos ateliês e vai para o canteiro de obra. "Pela primeira vez o restaurador está sendo devidamente prestigiado. Isto não significa, necessariamente, melhores condições de trabalho e salários, mas é concreta a nova perspectiva no mercado. Já é um caminho, para quem não tinha nenhum", explica. Ele acrescenta que o aquecimento do mercado pode ser mensurado pelo número de restauradores que começam a apostar nesta tendência, abrindo escritórios particulares ou até mesmo se encaminhando para a iniciativa privada.

"Com a configuração do Centro Histórico de Salvador como um pólo cultural e comercial rentável, a iniciativa privada vai solicitar, cada vez mais, a nossa intervenção", acrescenta, ressaltando, porém, que este não é um momento para grandes euforias. "Para que isto se constitua em bons salários, o que nos interessa, é necessário dar continuidade a esse tipo de proposta", lembra. Para os restauradores, a questão na Bahia não é de campo de trabalho, o qual consideram vastíssimo e efervescente, mas sim de qualificação da mão-de-obra. Os últimos cursos promovidos sobre restauração de bens móveis aconteceram no início da década de 80 e a única universidade que mantém um curso permanente fica em Minas Gerais.



Recuperação do Centro Histórico revitaliza muito mais que os prédios do Pelourinho

Ipac se torna uma escola

Os profissionais que compõem a equipe de restauradores do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia (Ipac), são contemporâneos dos dois últimos cursos sobre restauração de bens móveis, promovidos em 1980 e 81 na Escola de Belas Artes. "A maioria entrou no Ipac em 1978, atravessando junto a década de 80. A pior década para o Centro Histórico e para a profissão de restaurador", lamenta Túlio Vasconcelos, há 15 anos na profissão e subgerente de Restaurações de Bens Móveis.

De acordo com Adriana Couto, gerente de Restaurações do Ipac, o órgão

estadual tem se mostrado na verdadeira escola para os que se iniciam na profissão desde que começou o programa de restaurações a partir de 1974. "Tudo começou com o financiamento da Secretaria de Planejamento da Presidência da República, que permitiu que o Ipac funcionasse com uma escola prática promovendo ações como a restauração do Convento dos Humildes, em Santo Amaro, e a Igreja do Rosário dos Pretos, no Pelourinho", explica.

Formação — Na Bahia, restauração é um curso de especialização nem sempre oferecido, da Escola de Belas

Artes. Hoje, apenas a Universidade Federal de Minas Gerais oferece esse curso em caráter permanente. De acordo com Mário Mendonça, coordenador do Núcleo de Tecnologia da Preservação e da Restauração, na Escola Politécnica da UFBA, o estado de Minas Gerais priorizou a restauração de bens imóveis. "É uma questão de política educacional. O país não teria condições de pulverizar os investimentos criando os dois tipos de cursos nos dois estados. Mas, acredito que a Bahia já comporta um curso permanente de restauração de bens móveis, como já o teve há muitos anos", acrescenta Mendonça.

Débora Paes